

## **O REDESENHO DE OBRAS PARADIGMÁTICAS COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUITETURA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

*EL RE-DIBUJO DE OBRAS PARADIGMATICAS COMO UNA ESTRATEGIA DIDÁCTICA EN LA ENSEÑANZA DE HISTORIA E TEORÍA DE LA ARQUITECTURA: RELATO DE UNA EXPERIÊNCIA.*

*THE REDRAWING OF PARADIGMATIC WORKS AS A DIDACTIC STRATEGY IN ARCHITECTURAL HISTORY AND THEORY STUDIES: A REPORT OF AN EXPERIENCE*

EIXO 2 – O lugar da teoria, da crítica e da história no projeto

**Maria Marta dos Santos Camisassa**

Ph.D., professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo/UFV

**Josélia Godoy Portugal**

M. S., professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo/UFV

**Resumo:** Este trabalho pretende fazer um relato de uma experiência didático-pedagógica desenvolvida nas disciplinas de História e Teoria da Arquitetura do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa, faz alguns anos. O exercício do redesenho, do croquis, da execução de maquetes foi tomado como um meio de aprofundar o conhecimento do processo de projeto arquitetônico, com base em obras paradigmáticas apresentadas em compêndios sobre a história da arquitetura.

**Palavras-chave :** desenho; projetos arquitetônicos; ensino/aprendizagem; história da arquitetura

**Resumen:** Esta ponencia pretende hacer un relato de una experiencia didáctica e pedagógica desarrollada en las disciplinas de Historia y Teoría de la Arquitectura en el curso de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Viçosa, hace pocos años. El ejercicio de re-dibujo, del croquis, de la elaboración de maquetas fue tomado como un medio de profundizar el conocimiento del proceso de proyectar la arquitectura, con base en las obras paradigmáticas presentadas en los compendios de historia de arquitectura.

**Palabras-clave:** dibujo, proyecto arquitectónico; enseñanza y aprendiza; historia de la arquitectura

**Abstract:** This paper intends to make a report on a didactic and pedagogical experience developed within the courses of History and Theory of Architecture at the Universidade Federal de Viçosa, in the Architecture and Urban Planning School, after a few years. The exercise of redrawing, of sketching, of model making has been taken as a way to go deep in the knowledge of the design process taking paradigmatic works from compendiums of architectural history.

**Keywords:** drawing, architectural projects; teaching/learning; architectural history

## **O REDESENHO DE OBRAS PARADIGMÁTICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUITETURA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA<sup>1</sup>**

### **APRESENTANDO UMA DISCUSSÃO**

Uma discussão recorrente nos meios acadêmicos é a relação entre o conhecimento da história da arquitetura e, conseqüentemente, das teorias da arquitetura nas diversas épocas com a prática projetual. Sobre esse assunto, alguns estudiosos têm se debruçado no sentido de entender a necessidade de estudos investigativos nessa área assim como no sentido de estabelecer propostas de relacionamento entre as duas áreas. O ponto de partida no aprendizado sobre a história da arquitetura é a leitura do material iconográfico de um projeto com o objetivo de compreender, analisar, criticar e fazer uso – no tempo presente – das ideias desenvolvidas no passado recente ou longínquo. Isto constitui a formação de um referencial teórico, metodológico e de um repertório para o desenvolvimento desse mesmo aprendizado.

Edson Mahfuz (2003) diz que “é só através de uma visão abstrata do passado que podemos torná-lo de utilidade para nossos interesses atuais” (MAHFUZ, 2003, p. 70). Eis aí uma questão fundamental: como ter essa “visão abstrata do passado”? O estudo da história se apóia em fatos, evidências, migalhas que o tempo nos preservou. Mas, o que pode ser abstrato nisso? A arquitetura, a cidade, a paisagem têm uma aparência concreta e a abstração desse material – em especial, aquele que foi depositado em um tempo passado –, para um jovem estudante, é muitas vezes de difícil compreensão. O próprio relato histórico também pode não ser cativante o suficiente quando não se percebe os fins imediatos para essas investidas.

O estudo da história nos cursos de arquitetura e urbanismo demanda iniciativas e diálogos que interferem na estratégia didática adotada. Por outro lado, e historicamente, os estudos da história e da teoria da arquitetura sofreram um embate desde o início do século XX quando tendências funcionalistas se

---

<sup>1</sup> Um agradecimento deve ser feito à FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – pelo auxílio concedido para participação presencial, neste evento.

impuseram em um ambiente que por bem dizer os desprezava em favor de uma concepção de que qualquer novidade deveria vir não de uma releitura do passado, mas de um processo inovador da solução plástica a partir dos novos meios produtivos, das novas técnicas construtivas e dos novos materiais da construção civil. Era o útil frente a frente com o belo. Era a prática profissional que tinha na adequação às funções do programa de necessidades a pronta indicação de mérito. Sobre esse ponto, há muitos estudos.<sup>2</sup>

Um fato, recorrente na historiografia e pouco aprofundado, é a supressão do estudo da história na proposta da Bauhaus em seu projeto pedagógico com o objetivo de privilegiar a autonomia criativa em detrimento do conhecimento do passado e das obras paradigmáticas<sup>3</sup>. Esta situação pode ter promovido um desinteresse por parte dos professores da sequência de disciplinas de Projeto Arquitetônico e mesmo Urbanístico de questões históricas, de propostas teórico-projetuais de obras dos mestres mesmo que sejam propostas mais recentes.<sup>4</sup>

No caso de Le Corbusier, aparentemente, a sua aversão ao que chamou de “os horrores da arquitetura” ao apontar “o problema mal formulado” (LE CORBUSIER, 1981, p. 84) na virada do século XIX para o XX e aos laureados da Academia de Belas Artes por considerar que “A razão perdeu o equilíbrio” (LE CORBUSIER, 1981, p. xxvi) ficou mais evidente. Apesar de seus estudos sobre os traçados reguladores da arquitetura antiga, incluindo entre outras “A Lição de Roma”, em seu **Por uma Arquitetura** (1923), que foram fundamentais para seus projetos desde as primeiras décadas de sua carreira, o que permaneceu como conhecimento amplo sobre as obras do mestre franco-suíço foram: os cinco pontos ou os traçados reguladores?

O Movimento Moderno abriu assim um tipo de preconceito quanto ao estudo da

---

<sup>2</sup> Sobre esse assunto, ver: MAHFUZ, E. C. Os conceitos de polifuncionalidade, autonomia e contextualismo e suas conseqüências para o ensino do projeto arquitetônico. In: COMAS, 1986, p. 47-68.

<sup>3</sup> É claro que essa proposta não foi compartilhada por todos seus professores se lembrarmos que para um de seus diretores mais influentes – Mies van der Rohe – a arquitetura acadêmica e tradicional alemã foi de vital importância em seus projetos, em especial, as obras de Friedrich Schinkel.

<sup>4</sup> Uma evidência desta abordagem é o sucesso do livro de E. Neufert “A Arte de Projetar em Arquitetura”, publicado originalmente em 1936. Embora esteja ricamente ilustrado com obras paradigmáticas do Movimento Moderno, são os dimensionamentos detalhados que chamam a atenção do usuário (muitas vezes pouco atento aos exemplos citados).

história: aqueles pouco conhecedores das propostas modernas, aqueles que se satisfaziam com uma nova plástica arquitetônica, ambos deixaram de se interessar, ou melhor, de tentar aprender o que é a arquitetura através do rico acervo construído ao longo dos últimos milênios. A tônica do funcionalismo foi mais forte e o mote “a forma segue a função” foi talvez a lição mais preponderante.

Mesmo assim, teimamos em concordar com Elvan Silva ao dizer que:

A natureza híbrida das doutrinas projetuais não é um obstáculo à manutenção deste tema como objeto de investigação, quer no escopo pedagógico propriamente dito, quer nos campos especulativos que o primeiro suscita. Na realidade, mais do que estudar o fenômeno do projeto isoladamente, as instituições de ensino devem – e efetivamente o fazem, mesmo que de modo nem sempre ostensivo – aprofundar o estudo da projetualidade, aqui considerada como aquela categoria complexa que inclui tanto a convicção de que o mundo visível pode ser aperfeiçoado como a sistematização do conhecimento para identificar os elementos programáticos e modos apropriados de encaminhar as soluções requeridas. (SILVA, 2003, p. 33).

Para nós, o estudo da história e teoria da arquitetura tem várias oportunidades de aplicação no ensino de projeto arquitetônico. A forma mais comum dessa aplicação está na defesa e instituição da dinâmica de atividade da concepção do ateliê. Essa defesa tem sido formulada em várias instituições e em discursos isolados ou coletivos. A própria avaliação dos cursos de Arquitetura e Urbanismo espalhados no país já começa – de forma não institucionalizada – pela adoção da prática do ateliê nos quais professores de várias áreas se somam no enriquecimento da discussão do processo projetual junto ao alunado. Elvan Silva assim definiu o ateliê: “O ambiente do ateliê pode ser caracterizado como espaço de treinamento, onde se exercitam habilidades adquiridas em outras disciplinas, ou espaço também de aquisição de outros conhecimentos e habilidades.” (SILVA, 1986, p. 25). Para ele, é um equívoco a separação entre a teoria e a prática. No entanto, em artigo publicado no livro **Cinco Textos sobre Arquitetura**, a professora Maria Lúcia Mallard (Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais) afirma que a prática mais comum nas aulas de projeto arquitetônico nos “bons cursos [...] do país e no exterior” (MALLARD, 2005, p. 104-105) é a postura de orientador do professor, no atendimento de caso a caso, projeto por projeto, baseada em sua

própria prática profissional (MALLARD, 2005, p. 88). Ao mesmo tempo em que a autora discorda desta postura, concorda que a prática é auxiliar importante na formação dos professores de projeto arquitetônico. Ela também indica que a investigação e o conhecimento da história são importantes pois “mesmo quando é mero registro de eventos, permite que um dia esse registro aponte para algum problema relevante, sobre o qual um pesquisador criativo se debruce” (MALLARD, 2005, p. 93).

Nesse sentido, pode-se perguntar como certas expressões típicas do discurso da teoria, da história e, necessariamente, do projeto arquitetônico devem ser apreendidas pelos estudantes em seu cotidiano profissional. Referimo-nos a expressões como “espírito de uma época”, comumente escrita no vernáculo alemão “*zeitgeist*”, como “espírito novo”, que a partir da obra corbusiana foi adotada a expressão no vernáculo francês “*l’esprit nouveau*”, ou a vontade de arte, termo essencial para a teoria de Aloïs Riegl, em seu vernáculo “*kunstwollen*”. Será que essas expressões só aparecem nas aulas de teoria e história da arquitetura se delas depende justamente uma argumentação histórica, teórica e crítica bem formulada?

Por outro lado, na Europa, embora seja comum a prática do ateliê, as disciplinas de História e Teoria tem lugar de destaque em uma prática didático-pedagógica de aulas semanais na forma de palestras, muitas vezes abertas ao público em geral, em um formato considerado talvez conservador da prática pedagógica entendida que há aquele que “ensina” e há aquele que “aprende”. É assim na Architectural Association, onde até os estudantes dos cursos de pós-graduação fazem presença constante independentemente de sua área de estudo, e na University of Cambridge. Os professores proferem verdadeiras palestras semanais, às quais os estudantes devem comparecer. Relatos individuais de ex-alunos de escolas espalhadas pela Europa e pelos Estados Unidos indicam o grande número de alunos que recebem treinamento nessa área por meio dessas formas expositivas e até mesmo aquelas instituições em que o padrão europeu e/ou norte-americano foi adotado, como na Argentina e no México. No Brasil, são também inúmeros os relatos dessa prática: há um conteúdo que é exposto de forma oral e visual em salas de aula adequadamente preparadas para tais exposições com avaliações em formas

de provas escritas, apresentações orais com seminários e trabalhos monográficos individuais ou em grupos. Em resposta a essa dinâmica, os alunos fazem uso dessa mesma estratégia nas apresentações orais de seus trabalhos 'teóricos', no sentido de ser resultado de uma investigação de método científico e apresentado de forma acadêmica. Nesta forma de ensino-aprendizagem, entendemos que há uma interação direta pequena entre professor e aluno porém, mais do que isso, o grau de aproximação da lente de análise do aluno em seu objeto de estudo se mantém à distância. As necessidades imediatas do regime de ateliê ficam, portanto desligadas desse estudo.

O que se pretende mostrar neste trabalho é uma prática diferenciada no desenvolvimento do conhecimento sobre as obras arquitetônicas na linha do tempo. A aproximação maior do objeto de estudo é justamente o indicador de que o cerne dessa matéria foi abstraída. Este procedimento a ser relatado se desenvolveu mais pela via intuitiva do que pela elaboração e adoção de alguma teoria no ensino-aprendizagem de formas interativas entre professor e aluno. Ela foi desenvolvida também pela exata circunstancia de uma matriz curricular segmentada e segregadora em áreas diferenciadas o conhecimento da história, da teoria, da tecnologia paralelamente e independentemente às disciplinas de projeto arquitetônico, esta sim uma abordagem conservadora de prática de ensino em Arquitetura e Urbanismo. Como esse formato não apresentava sinais de mudança, propusemos em seu lugar mudanças nos procedimentos das disciplinas de História & Teoria.

## RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA

A forma de expressão – de mostrar uma ideia para outros ou para si mesmo – mais adequada, no caso de um projeto arquitetônico, é o desenho, seja ele gráfico, técnico, em croquis, ou qualquer outra modalidade. É uma forma de fazer uma ideia se tornar pública. No estudo das obras ao longo da história, o material iconográfico é de fundamental importância. A coleta de dados tem sido facilitada pelos novos meios de comunicação, em especial, através da Internet na World Wide Web. Em questão de segundos, qualquer pessoa com acesso à

Web pode buscar material de hipertextos e imagens virtuais de praticamente qualquer obra. As obras dos grandes mestres são as mais ricas nesse fundo de dados, quase infinito. Mas, como Betty Edwards argumenta em seu livro **Desenhando com o lado direito do cérebro** (cf. DORFMAN, 2002), o desenho de observação não tem comparação com a tomada de fotografias no sentido de fixar na memória os detalhes de cada solução arquitetônica ou cada detalhe de uma paisagem, urbana, natural ou artificial.

Mesmo não tomando a obra de Betty Edward como um referencial teórico, a prática do redesenho vem sendo adotada e desenvolvida como uma prática pedagógica para as disciplinas de História e Teoria, no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa, onde a prática do ateliê ainda não foi adotada. A busca de fixação de soluções arquitetônicas, de entendimento e análise dos projetos e de aprofundamento em um pensamento crítico e analítico resultou em uma didática experimental ao longo dos últimos dez-quinze anos. Embora os novos alunos se alvorocem ao se defrontar com a tarefa de desenhar, de fazer croquis, de representar algo à mão livre e até de entregar todas as folhas de um trabalho escritas à mão, o resultado tem sido bastante satisfatório e com uma ótima aceitação entre os alunos. Nas imagens que se seguem, é perceptível o dispêndio de trabalho (= labor) que a grande maioria dos alunos se prestam. Além de ser uma oportunidade para exercitar a habilidade manual, a compreensão e a análise dos projetos nos parecem mais eficazes do que se fossem feitos os conhecidos trabalhos monográficos, realizados com todo o aparato da era digital. De acordo com Rogério de Castro Oliveira<sup>5</sup>, já na década de oitenta:

O estado atual da disciplina, isto é, do conhecimento arquitetônico, é deplorável. Conhecemos pouco sobre a natureza do fazer arquitetônico, sendo difícil discernir sua lógica interna. A teoria reduz-se a um conjunto de opiniões, preconceitos e fragmentos de uma perdida filosofia da arquitetura que, mesmo admitindo-se méritos em tais ideias quando tomadas isoladamente, falham em atribuir-lhe um caráter unificador. Podemos ter acesso a muitas informações úteis e proveitosas, mas não chegamos à compreensão e delimitação da Arquitetura enquanto ramos do saber humano. (OLIVEIRA, 1986, p. 77).

Mesmo sem ter conhecimento desse artigo, buscávamos desde o início alguma

---

<sup>5</sup> Sobre o livro organizado por Carlos Eduardo Comas, Ruth Verde Zein afirma em 2003, que é “referência indispensável” sobre o assunto do ensino de Projeto Arquitetônico. (ZEIN, 2003, p. 81, n. 1).

solução para o caso pelo menos para os novos egressos do Curso de Arquitetura da UFV. No início, procurou-se aprofundar a visualização das obras estudadas em três dimensões por meio da execução de maquetes de obras paradigmáticas (figs. 01 e 02).

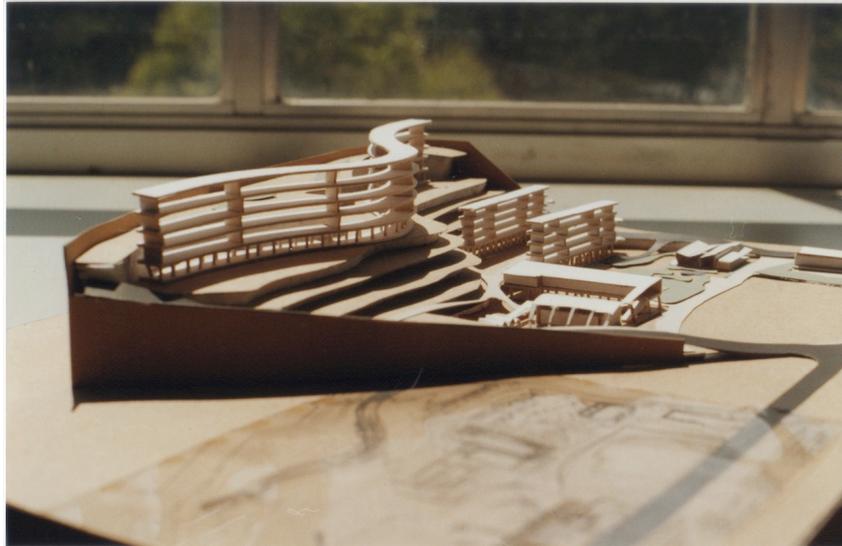


Figura 01 e 02: Maquetes do Conjunto Pedregulho no Rio de Janeiro e de obra de Burle Marx em Petrópolis. Ambas feitas pelos alunos em disciplina de História e Teoria da Arquitetura.

Fonte: Arquivo das autoras, 1998.

Em um dos semestres letivos, ainda nos anos noventa, na disciplina em que se estudavam as obras do Movimento Moderno, optou-se por definir uma escala comum a todos os projetos a serem representados. Adotou-se a escala de 1:100, quer seja para uma obra de J.J.P. Oud (no caso, as casas em fita do conjunto de Weissenhof, em Stuttgart, em 1927), quer seja para a Robie

House, de Frank Lloyd Wright em Chicago, EUA, obra de 1910c. As discussões em sala foram profícuas. Foi possível assim fazer uma comparação formal, volumétrica, e de ordem de grandeza, tudo ao mesmo tempo.

Com o passar do tempo, foi sendo aprimorado o estudo das maquetes para analisar o terreno e o contexto. Uma simples e hipotética casa eclética próxima a outras construções de outras épocas era representada em 3D, com papelão, ao longo de uma rua, também hipotética. As comparações tomaram outras dimensões influenciando na apreciação crítica e temporal de linguagens arquitetônicas variadas.

Ao buscarmos referências teóricas para as análises projetuais, encontramos um trabalho-chave no estudo do desenho como uma representação datada. Trata-se de um estudo do crítico e historiador inglês Robin Evans sobre os interiores de palacetes britânicos dos séculos XVIII e XIX. Nesse trabalho, Evans afirma que “As in architecture, so in furniture design: drawing was to be regarded as fundamental” (EVANS, 2003, p. 198). Para ele, o desenho e o redesenho são peças fundamentais para o entendimento das concepções arquitetônicas.

Paralelamente, foi sendo desenvolvida a prática do redesenho. Esse não apenas como uma representação renovada seja à mão livre ou por meios computacionais. Era preciso indicar nos desenhos várias análises possíveis, às vezes, com pequenos textos e/ou citações: o contexto histórico, social, geográfico; a situação física com insolação, visibilidades, visadas, etc.; a solução funcional, estrutural, construtiva, etc.; o conceito(!). Era preciso explicar quem era o autor do projeto e sua trajetória para propor tais obras. Uma vez, um estudante teve dificuldade em entender que o mesmo arquiteto que tinha feito o projeto do conjunto Japurá em São Paulo, tinha tido um início de carreira com obras tão “básicas”... pertencentes ao Ecletismo. Tratava-se, no caso, de um arquiteto tão importante na história do modernismo paulistano como Eduardo Kneese de Melo.

Há alguns anos, esta didática tem sido adotada em toda a sequência de sete disciplinas (duas de arquitetura brasileira e cinco de arquitetura ocidental e

estrangeira) de História e Teoria que compõem a grade curricular do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFV. Os resultados continuam sendo bastante satisfatórios. Os exemplos mostrados nas figuras abaixo (figs. 03 e 04) podem dar uma ideia da proposta.

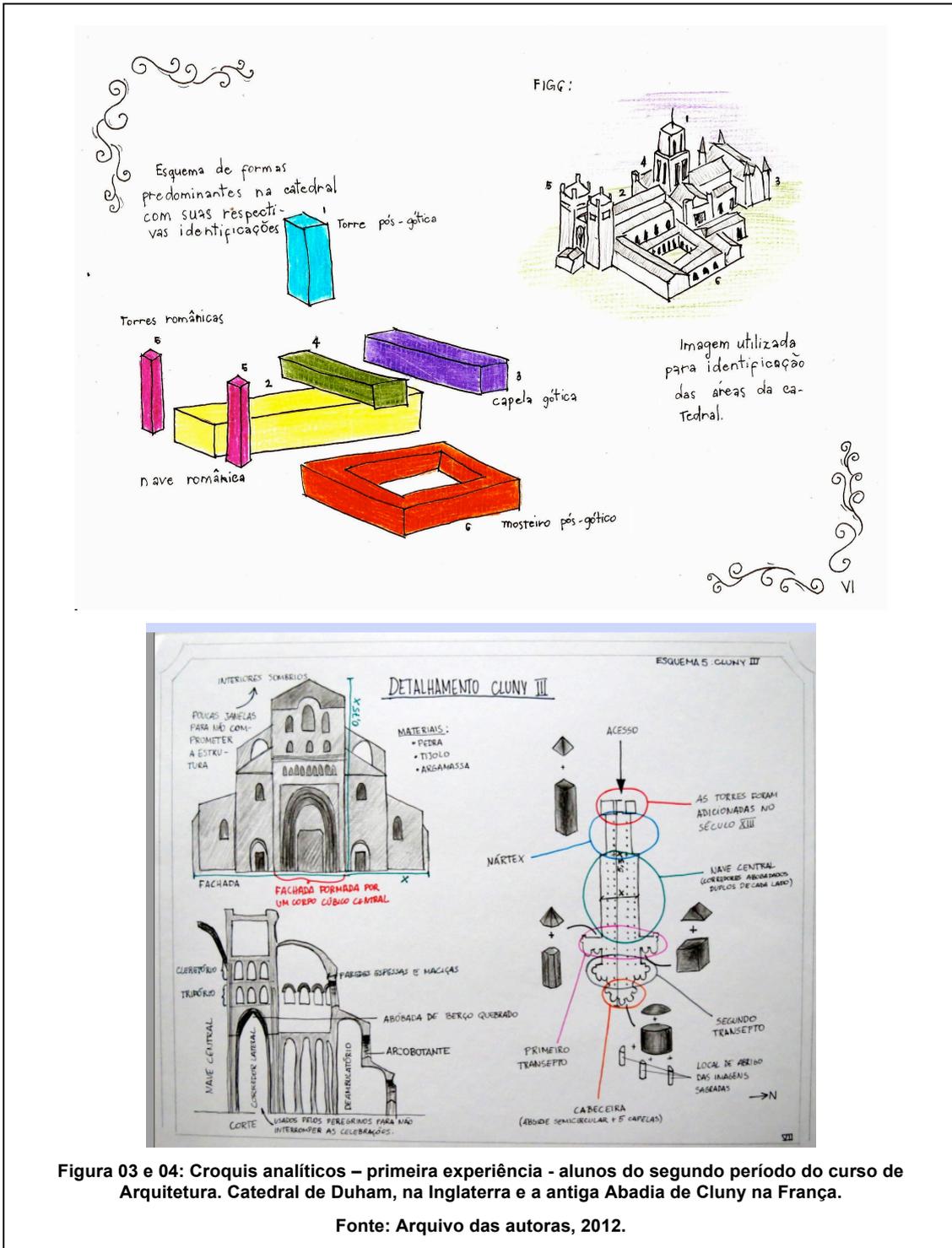
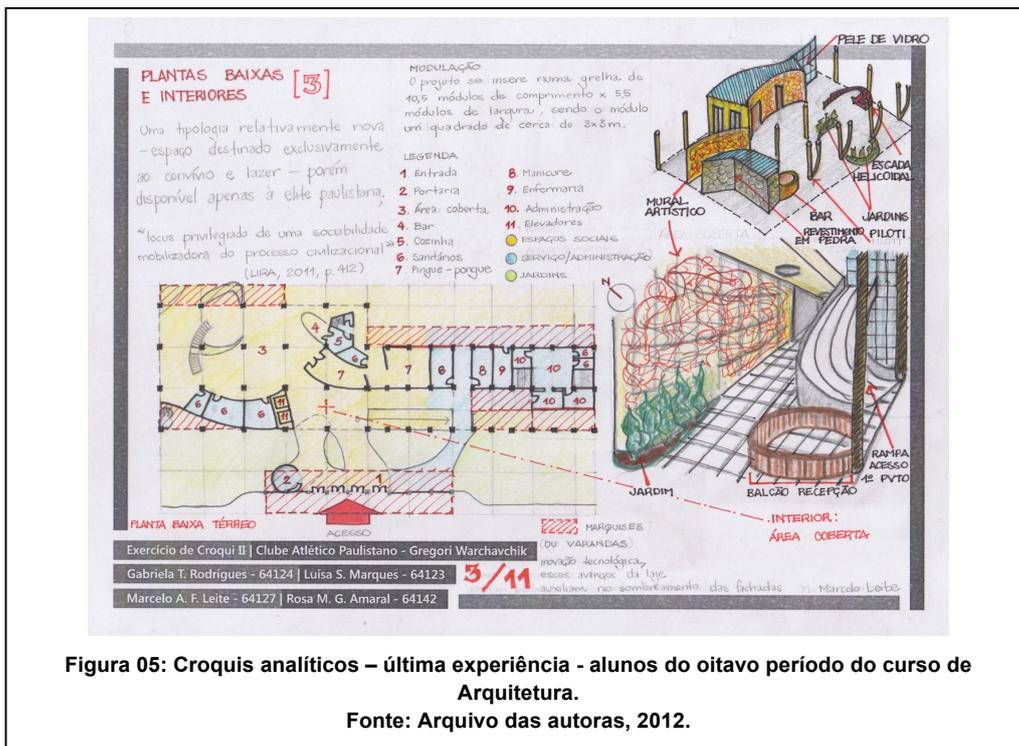


Figura 03 e 04: Croquis analíticos – primeira experiência - alunos do segundo período do curso de Arquitetura. Catedral de Duham, na Inglaterra e a antiga Abadia de Cluny na França.

Fonte: Arquivo das autoras, 2012.

O procedimento é o seguinte: cada grupo de alunos tem a tarefa de

desenvolver um estudo de uma obra indicada pelo professor com orientações específicas a cada um deles, dependendo obviamente da disciplina em curso. Ora se quer focalizar uma relação de projeto estrutural com um meio de produção (ex.: a produção em série e a modulação). Ora se quer indicar uma relação entre visão de mundo de uma época com as proporções adotadas pelos artistas/arquitetos em suas obras (ex.: o Humanismo no Renascimento e as proporções vitruvianas). Há sempre uma indicação de leitura relacionada com o tema em questão de cada exercício. A essa avaliação se deu o nome de Exercício Prático de Croquis (fig. 5).



Nos dois últimos semestres, foram acrescentadas outra tarefa semelhante. No lugar de um exercício com muitas páginas escritas e desenhadas (mais desenhadas que escritas, de preferência) foi proposto um Exercício de Ilustração. Esse último trata da decomposição analítico-formal da obra. A indicação de umas duas ou três obras paradigmáticas é feita e distribuída para a turma e, em um horário de uma aula de 100min, os pequenos grupos desenvolvem suas análises a partir de um material iconográfico coletado por eles mesmos, antecipadamente. Os resultados são expostos no hall do Departamento e os alunos são convidados a expor seus trabalhos diante de alunos de turmas diferentes. No corrente semestre, está em andamento um

exercício com esse objetivo com obras de Le Corbusier, Mies van der Rohe, Walter Gropius, Alvar Aalto e outros. As obras: a Villa Savoye e o Pavilhão Suíço, o Pavilhão de Barcelona (fig. 6) e o prédio da Bauhaus; o cemitério de Asplund e a biblioteca de Viipuri. Os croquis devem representar as formas geométricas da volumetria da solução arquitetônica e buscar explicações também formais dessas soluções. Esse trabalho é completado com a entrega de uma maquete esquemática da solução final de uma das obras em análise, para cada exercício. Uma maratona de desenhos e maquetes. Uma

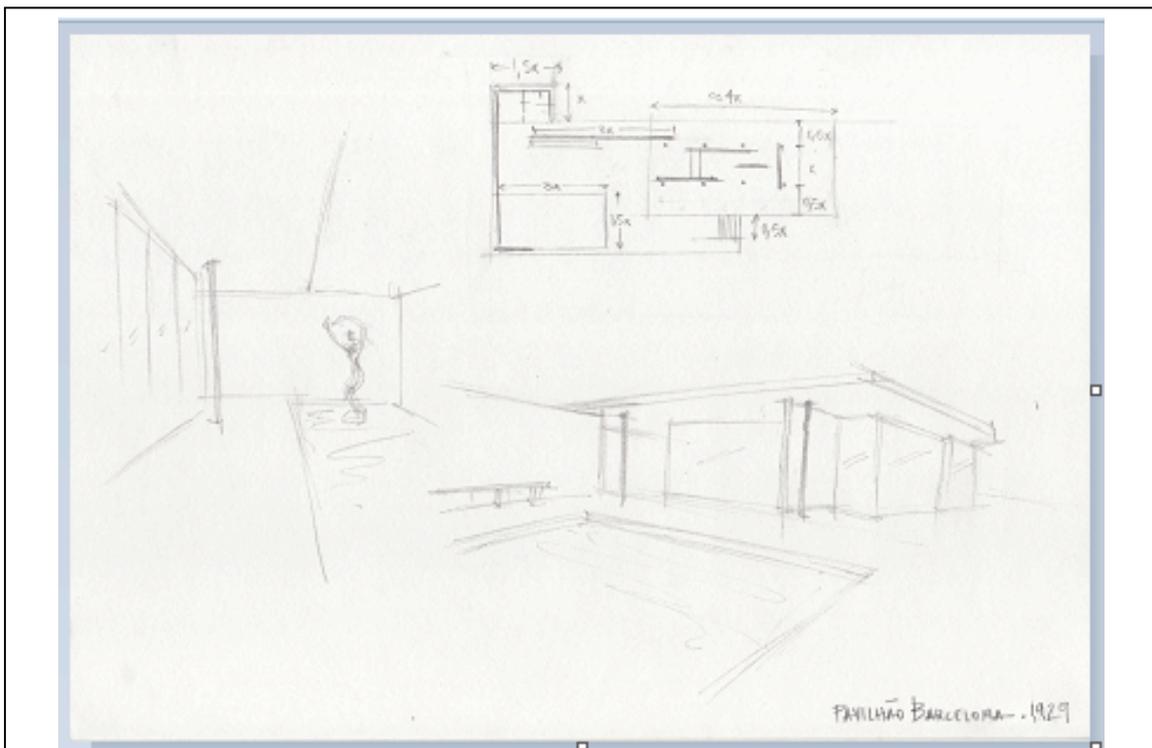


Figura 06: Exercício de Ilustração – experiência do quinto período do curso de Arquitetura.

Fonte: Arquivo das autoras, 2013.

competição, até agora, saudável.

É de Rogério de Castro Oliveira que buscamos mais uma citação para compactuar com a proposta relatada:

O conhecimento arquitetônico repousa sobre o repertório de soluções do qual a história é o repositório; o repertório é aplicado com sensibilidade e razão a problemas específicos da arquitetura, segundo a teoria e a prática do ofício e a inventividade pessoal do arquiteto. (OLIVEIRA, 1986, p. 75)

E, pouco adiante, o mesmo autor afirma “O ensino do projeto arquitetônico busca, pela investigação contínua e sistemática de problemas paradigmáticos,

promover a transmissão, a transformação e o crescimento do saber.” (OLIVEIRA, 1986, p. 75-76).

Neste sentido, não é possível mais distinguir em qual disciplina o projeto arquitetônico é ensinado e aprendido. Se a prática do ateliê ainda não foi adotada para as disciplinas de projeto em algumas escolas de arquitetura, o estudo dos projetos arquitetônicos com a reversão aos croquis iniciais compositivos e analíticos de possíveis soluções está sendo adotado nas disciplinas de História & Teoria: o redesenho, a análise, a reconstituição do processo projetual, a crítica, a teoria, tudo aplicado ao estudo do projeto arquitetônico em forma de um ateliê de investigação.

Diante do relato de nossas experiências, onde nosso objetivo coincide com a proposta de “[...] abordar o desenho como linguagem, como ferramenta indispensável para o arquiteto, não apenas como forma de comunicar, como também de pensar a Arquitetura” (DORFMAN, 2002, p. 247), usarmos os desenhos, ou redesenhos de obras paradigmáticas no ensino de História e Teoria da Arquitetura, é a forma que temos descoberto para levar nossos alunos a pensar a Arquitetura, conforme coloca a autora.

Nossa premissa bem que poderia ser o de que “desenhar nos ajuda a pensar de maneira visual” (DORFMAN, 2002, p. 247). Dorfman vem discutindo sobre a importância e o significado do desenho como ferramenta para pensar a arquitetura, afirmando que essa prática é também uma forma de análise e crítica. E isso faz sentido, ao entendermos o desenho/croquis como forma de pensar o projeto isto é, em uma instância mais abstrata, pensar a Arquitetura.

Nossa proposta coincide também com o entendimento de Montaner (2007): “O método do redesenho é uma técnica de memorizar os projetos criando um repertório mental”. Nesta prática não se pretende uma ação passiva meramente ilustrativa ou até artística. Entendemos como uma crítica arquitetônica e histórica pela prática da análise através do redesenho. É o próprio Montaner que afirma: “Por outro lado, toda crítica arquitetônica deve penetrar a fundo na análise estritamente formal, superando aquelas leituras que limitam apenas a interpretações gerais.” (MONTANER, 2007, p. 26) e,

mais adiante: “A melhor crítica, portanto, é aquela que concilia considerações sobre o conteúdo com considerações sobre a forma” (MONTANER, 2007, p. 27). No nosso entender, tentamos acompanhar o debate atual sobre a necessidade de apurar a visão crítica dos alunos e as análises de forma contribuir para a prática profissional, sendo que a matéria prima em questão está no estudo da História e da Teoria da Arquitetura de obras sacralizadas pela historiografia.

#### REFERÊNCIAS:

- COMAS, C. E. (org.). **Projeto arquitetônico disciplina em crise, disciplina em renovação**. São Paulo: Projeto, 1986.
- DORFMAN, Beatriz Regina. O ensino do desenho no curso de Arquitetura: a construção do pensamento visual. In: MIRANDA, Macklaine Miletho Silva; BRUM, Nelci Fatima Denti (orgs.). **As relações arquitetônicas do Rio Grande do Sul com os países do Prata**. Santa Maria: Pallotti, 2002. p. 247–255.
- EVANS, R. The Developed Surface. An Enquiry into the Brief Life of an Eighteenth Century Drawing Technique. In: EVANS, R. **Translations from Drawing to Building and Other Essays**. Londres: Architectural Association, 2003. AA Documents, n. 2, p. 195-231.
- LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. 3. ed. Trad. Ubirajara Rebouças. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- MAHFUZ, E. Reflexões sobre a construção da forma pertinente. In: LARA, F.; MARQUES, S. **Desafio e Conquistas da Pesquisa e do Ensino de Projeto**. Rio de Janeiro: EVC, 2003. p. 64-80.
- MIRANDA, Macklaine Miletho Silva. Desenho: a ferramenta de comunicação do arquiteto. In: MIRANDA, Macklaine Miletho Silva; BRUM, Nelci Fatima Denti (orgs.). **As relações arquitetônicas do Rio Grande do Sul com os países do Prata**. Santa Maria: Pallotti, 202. p.243-246.
- MONTANER, Josep Maria. **Arquitetura e Crítica**. 2. ed. Trad. Alicia Duarte Penna. Barcelona: Gustavo Gili, 2007.
- OLIVEIRA, Rogério de Castro. A formação de repertório para o projeto arquitetônico: algumas implicações didáticas. In: COMAS, C. E. (org.). **Projeto Arquitetônico: disciplina em crise, disciplina em renovação**. São Paulo: Projeto, 1986. p. 69-84.
- SILVA, E. Novos e Velhos Conceitos no Ensino do Projeto Arquitetônico. In: LARA, F.; MARQUES, S. (orgs.). **Desafios e Conquistas da Pesquisa e do Ensino de Projeto**. Rio de Janeiro: EVC, 2003, p. 32-34.
- SILVA, E. Sobre a Renovação do Conceito de Projeto Arquitetônico e sua Didática. In: COMAS, C. E. (org.). **Projeto Arquitetônico: disciplina em crise, disciplina em renovação**. São Paulo: Projeto, 1986. p. 15-31.
- ZEIN, R. V. A síntese não é ponto de chegada, mas de partida. In: LARA, F.; MARQUES, S. **Desafio e Conquistas da Pesquisa e do Ensino de Projeto**. Rio de Janeiro: EVC, 2003. p. 81-84.